

# O AMOR FATI COMO AFIRMAÇÃO DA VIDA SEGUNDO NIETZSCHE

*Ana Carolina Ferreira Sales<sup>1</sup>*

Friedrich Wilhelm Nietzsche foi um filósofo, filólogo, escritor e crítico nascido em Rocken, atual Alemanha. Escreveu e publicou diversas obras durante sua vida, atravessando temas como: cultura, religião e filosofia, seus escritos têm profundidade e são discorridos na maioria das vezes pelo uso de aforismos e metáforas, que eleva o entendimento de suas obras junto com o tom de provocação feito pelo filósofo. Nietzsche critica fortemente à cultura ocidental, sobretudo, as noções de verdade e moral, além da tradição socrático-platônica e judaico-cristã que fundamentou mais tarde o cristianismo, esses conceitos são essenciais para o desenvolvimento de sua filosofia, que é muito pesquisada e estudada até os dias atuais.

O filósofo da dinamite também revelou em suas obras o seu amor pela arte, pela dança, pelo corpo e especificamente à vida em toda sua dimensão e sensação, apresenta em sua obra *A Gaia Ciência*, o *Amor Fati*, traduzido como amor pelo destino, que será o conceito principal deste artigo, conjuntamente com o desenvolvimento humano, suas transformações de pensamento e de conduta, principalmente na sociedade capitalista e a relação da vida marcada pelo consumismo e pela tecnologia na era contemporânea. Pois na contemporaneidade há um desafio entre o que seja “viver” ou apenas o “existir” marcado por diversas narrativas construídas ao longo dos séculos, e observando os seus processos históricos e sociais, a civilização caminha para a perda do valor, ou niilismo chamado por Nietzsche, atingindo também o valor da vida que desaba cada vez mais.

A sociedade se perde com o consumismo e os desejos atrelados ao atual sistema, sobretudo pela domesticação do homem, porém Nietzsche ressalta que os homens devem ser

---

<sup>1</sup> Graduanda em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: [anacarinallas598@gmail.com](mailto:anacarinallas598@gmail.com)



fortes e se superar para viver o amor intensamente, tanto pela vida, como pelo destino. O conceito de *Amor Fati* proferido pelo filósofo resgata o valor da afirmação de vida na existência finita.

A evolução do ser humano está intimamente ligada com a procura de realização e conforto além das necessidades físicas básicas, desde os primórdios de sua existência na terra, diversos elementos naturais são usados para a sua sobrevivência, nesse primeiro momento o consumo humano está ligado com sua formação e necessidade física. Há mais de 200.000 mil anos, os caçadores/coletores nômades levavam uma vida rústica, passaram pelo processo de evolução até se tornarem agricultores que provavelmente viviam sem consumo excessivo, somente caçavam e plantavam para suprir suas necessidades básicas.

Na Grécia antiga, a exemplo de Sócrates, Platão já dava indícios em sua obra *A República*, sobre as necessidades básicas do ser humano e como o consumo de bens supérfluos poderia causar mal para os que levavam uma vida luxuosa, uma vez que, o consumo das coisas que ultrapassam o básico tinha capacidade de afetar o caráter humano, enfraquecendo os homens e tornando-os incapazes de defender a *polis* (cidade/estado). Os gregos pouco se distinguiam dos romanos ao que se diz respeito sobre o mal que consideravam no consumo supérfluo, temos como exemplo as leis suntuárias que limitavam os banquetes e visavam diminuir os gastos absurdos com móveis e vestes, cabe ressaltar que as leis suntuárias também eram usadas para hierarquizar o poder, pois as classes inferiores e pobres não poderiam usar as mesmas roupas e vestes que os nobres.

Esse paradigma se estendeu até a idade média, porém ocorreu um fato que marcou a vida dos seres humanos, a introdução do cristianismo, especificamente percorrida nas obras do teólogo e filósofo Santo Agostinho explicitando a conversão da noção de consumo, pois o que era “vício” ou “prazer” agora passa a ser “pecado”, ou seja, possuir uma vida luxuosa é cometer um dos sete pecados capitais, que deve ser abominado para se alcançar o paraíso pós-morte.

É na modernidade que a sociedade ocidental passa por uma profunda crise, tanto cultural, como religiosa, principalmente pelo avanço científico que vai diminuindo a influência



do cristianismo na vida das pessoas, muda-se os valores, a moral e conseqüentemente os desejos dos indivíduos que não atrelam mais o consumo prazeroso à noção de pecado. Respectivamente a sociedade passa pela revolução industrial que eleva a possibilidade de consumir bens não essenciais, sobretudo pelo aumento da produção devido aos novos maquinários.

José Chiavenato, em sua obra *Ética globalizada & sociedade de consumo*, observa as transformações a partir do século XIX e investiga que consumir algo desnecessário já pode ser considerado algo fácil pelos indivíduos,

Na história da humanidade, a virtude quase sempre esteve associada ao comedimento e à renúncia. Desde a Idade Média, para os cristãos o homem virtuoso, honesto e digno era modesto, abominava o luxo e o conforto. Esse costume foi consolidado pelas religiões: os pobres acreditaram durante séculos que, padecendo na Terra, ganhariam o Paraíso. A partir do século XIX, quando a industrialização possibilitou mais conforto à sociedade, surgiu um choque, muitas vezes inconsciente, causado pelo consumo de produtos que ofereciam “prazer”. O “prazer” estava associado ao “pecado”. Simplificadamente, pode-se dizer que o conforto doméstico ou pessoal contribuiu para diminuir os condicionamentos ou preconceitos que consideravam a felicidade quase um pecado. Mudou a moral, e certos padrões de comportamento foram abandonados, superados ou substituídos por outros mais “modernos” que facilitavam o consumo. Depois de alguns milênios, ficou mais importante, para o grosso da humanidade, “ter” em lugar de “ser” (CHIAVENATO, 2004, p.13).

Nietzsche critica duramente essa modernidade que avançou com o pensamento racional e com a técnica, mas que joga o ser humano a acreditar e se iludir totalmente com a garantia de futuro pela ciência e que mais tarde se frustra com essas promessas do progresso científico que já não pode sustentar todos os ideais de futuro perfeito para a humanidade, para tanto Nietzsche radicalmente anuncia que Deus está morto designando com a sua sentença a mudança dos valores divinos para os valores humanos, pois agora é a inteligência humana que deverá controlar a sociedade.

O filósofo também direciona seu pensamento à cultura ocidental, mas sua crítica é radical, ele acredita numa ação a partir dela, ação essa para reafirmar o valor da vida, resgatando-o na sua filosofia pois observa na modernidade que a civilização se encontra fraca. Na pele de seu Zaratustra, Nietzsche discorre sobre as três transformações que visam a



liberdade “(...) como o espírito se torna camelo, o camelo leão, e, por fim, como o leão se torna criança.” (2017, p.42), esse discurso revela as metamorfoses que um espírito precisa atravessar para abandonar o niilismo negativo ao qual caiu e que nega totalmente a vida, até se alcançar o niilismo ativo.

Sobre o niilismo ativo, Viviane Mosé, diz:

(...)depois de um tempo de queda, de perdas para a civilização, a negação nega a si mesma, cansa de se opor à vida. Sem oposição, a vida volta a predominar nos corpos, retornando a afirmação, o dizer sim. Mais maduro, sem grandes ilusões, vivendo a vida de frente com o auxílio da arte, o ser humano pode reencontrar a alegria de viver e refundar a civilização em bases afirmativas. A vida em si mesma torna-se o maior valor. (MOSÉ, 2018, p.52-53)

Percorrendo as três metamorfoses do espírito a caminho da liberdade, temos o camelo ““O que é pesado?” Assim pergunta o espírito de carga, assim se ajoelha, como o camelo, e quer ser carregado abundantemente” (NIETZSCHE, 2017, p.42) que mesmo sendo forte, carrega os valores metafísicos, falta liberdade de realização, e plenitude de vida que em sua visão somente pode ser alcançada no paraíso, portanto, esse camelo é servil pensando ser livre, mas sua liberdade depende de um outro mundo e sua felicidade está em pouquíssimos momentos pois o restante é tédio.

Já o leão está cansado dessa mesma vida “(...)o espírito torna-se aqui leão, ele quer tomar a liberdade como presa e ser senhor em seu próprio deserto” (NIETZSCHE, 2017, p.43), sua primeira reação é a revolta, querendo acabar com esses valores antigos, porém o leão não está apto para criar novos valores, pois ainda tem uma ligação com os valores antigos.

A terceira metamorfose precisa “dizer-sim”, começando do zero, como uma criança “Inocência é a criança, e esquecimento, um recomeço, um jogo, uma roda que gira a partir de si mesma, um primeiro movimento, um sagrado “dizer sim”” (NIETZSCHE, 2017, p.44), a criança tem uma nova liberdade, novas escolhas, e um novo modo de vida pela frente, uma realidade a ser preparada sem limitações e mergulhada na plena existência, no corpo, na independência, na maravilha que é ser livre e viver!

Mas, o que o filósofo pode dizer com esse discurso para a era contemporânea marcada pelo consumismo? onde o ser humano passa a querer ter poder e dinheiro para comprar e controlar tudo, tanto a natureza, como os animais e até a própria vida e destino, a razão se



torna ponto central para controle das emoções deixando de lado o corpo, a antiga fé agora é sustentada pela “verdade absoluta”, porém essa razão desaba na existência humana, fundamentada na presente sociedade marcada pelo capitalismo, de modo que, o consumo excessivo tomou uma parcela grande na vida e existência finita dos seres humanos. Viver se tornou apenas existir, ser “alguém”, agora é ter “algo” ou possuir um “alguém”, pois além de querer comprar nossa própria vida, queremos poder sobre a vida das outras pessoas. Como alcançar o espírito da criança, que pode renovar e criar novas possibilidades para afirmar a existência finita na terra?

Nietzsche pode ser um filósofo muita das vezes interpretado como o crítico de tudo, porém ele também é um reconhecedor do grande valor contido na vida, no prazer, na música e na sabedoria de se viver intensamente, para tanto nos apresenta seu conceito de *Amor Fati*, o amor pelo destino.

Em sua obra *A Gaia Ciência*, diz

Amor fati: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! (NIETZSCHE, 2001, § 276)

É na circunstância da vontade de potência, que o amor fati ergue-se, pois a própria vida é vontade de potência (além de tudo a sua volta) essa vontade de potência nos seres humanos é a causa de crescimento e de novos valores, o contrário dos homens fracos que se moldam para apenas sobreviver, portanto, a afirmação da potência é o dizer sim. Em sua obra *Ecce Homo*, Nietzsche nos mostra seu entendimento sobre o Amor Fati, ressaltando,

Minha fórmula para a grandeza do homem é **amor fati**: não querer ter nada de diferente, nem para a frente, nem para trás, por toda a eternidade... Não apenas suportar aquilo que é necessário, muito menos dissimulá-lo - todo o idealismo é falsidade diante daquilo que é necessário -, mas sim **amá-lo**... (NIETZSCHE, 2017, p.67-68)

Em Nietzsche o Amor Fati está ligado ao eterno retorno do mesmo, o qual Zarathustra vem para anunciar, pois para o filósofo o conceito de eterno retorno se caracteriza pela eternidade na própria existência finita, ou seja, na nossa vida pela terra e não em outro “mundo” como por exemplo, pensa o cristianismo, mas é o eterno retorno que se mostrar



como oposição e forma de enfrentamento ao niilismo negativo. Só podemos compreender o Amor Fati, depois da desconstrução e crítica feita por Nietzsche da cultura, moral e verdade moderna. O Amor Fati trazido pela filosofia Nietzscheana expressa a qualidade e habilidade dos seres humanos para viver e experimentar todos os acontecimentos da vida, tomando sua realidade no agora que sempre retornará, tanto nos momentos bons como nos ruins, amando assim seu destino e afirmando a plena existência.

Trazendo a filosofia nietzschiana para a contemporaneidade, em sua obra Nietzsche Hoje: sobre os desafios da vida contemporânea, Viviane Mosé, expressa sobre o valor da vida na atualidade

O maior desafio do século XXI é resgatar o valor da vida, a maior ação política é incentivar a vontade de viver. A vida não precisa estar vinculada a um projeto de felicidade: a experiência da vida, em si mesma, o jogo da vida se basta. Nietzsche afirma, em seu pensamento mais maduro, a necessidade de reconciliar o homem com o corpo, com a presença, com o tempo. Isso não significa negar sua virtualidade, ao contrário; a vida humana é feita de sensação e memória, somos seres complexos, precisamos do chão, do corpo, da presença, mas igualmente necessitamos dos relatos, das narrativas sobre a vida que exercitamos no pensamento, na memória individual, social, coletiva. (MOSÉ, 2018, p. 60)

A filósofa nos mostra a urgência de se resgatar o valor da vida, e sobretudo, como Nietzsche ressalta a importância da junção do ser humano com o seu corpo e suas sensações; mas também revela a era tecnológica que vivenciamos, a qual atrela o consumo excessivo com o discurso de “ter”, principalmente nas redes sociais, que constrói diversas narrativas do “ser alguém” que possui poder financeiro

Acontece que, antes de tudo, o mercado consumidor foi se exaurindo, especialmente nos países ricos, onde todos foram tendo quase tudo. Era preciso ampliar as vendas, então o produto passou a ser suporte para um determinado discurso. Eu não compro o produto, o carro, por exemplo, porque carro eu já tenho; eu compro o que o carro quer dizer, compro a narrativa: esporte, sensual, agressivo...(...) Então todos de algum modo, não apenas pessoas, mas empresas, investem na construção de narrativas que passam a lutar umas com as outras por audiência. Dito de um outro modo, o produto passou a ser determinado pelo discurso. (MOSÉ, 2018, p.83)

O sistema capitalista no qual estamos inseridos estimula ainda mais o consumo e a narrativa sobre ele, domesticando os seres humanos e explorando os trabalhadores, além de exercer uma política contra a vida que perde seu valor cada vez mais, jogando a existência



humana para um abismo, poucos são os momentos realmente de liberdade e felicidade. “o humano exauriu, a vida perdeu o valor. Os adultos adoecem de tristeza; jovens e crianças já não querem mais viver” (MOSÉ, 2018, p.86).

Um dos eixos fundamentais do pensamento de Nietzsche é a afirmação da vida como vontade de potência; a vida, esta experiência desconhecida e sempre inédita, é aquilo que deve sempre superar a si mesma. O que antes de tudo está aqui em questão é a valorização da experiência, do corpo, da presença, como algo que deve ser afirmado. “Onde encontrei vida encontrei vontade de potência.” (MOSÉ, 2018, p. 93)

Ao pensar o Amor fati de Nietzsche nesse contexto, lembra-se o seu amor pela vida e a manifestação da afirmação finita nesta existência; a superação do homem é o amar intensamente, afirmando à vida e o seu destino, indo contra a recusa e desvalorização dela, jamais aceitando a condição imposta de fracasso, sobretudo pelo capitalismo; sendo forte e ressignificando a existência de cabeça erguida, manifestando a revolta e jamais sendo submisso a noção de vida como simples mercadoria oferecida. O amor fati é o grito de sim pela vida, amando-a profundamente e lutando por ela.

### Referências

CHIAVENATO, Júlio José. **Ética globalizada & sociedade de consumo**. 2 ed.reform. São Paulo: Editora Moderna Ltda., 2004.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche hoje: sobre os desafios da vida contemporânea**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo: de como a gente se torna o que a gente é**. Tradução, organização e notas de Macelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2017.



